



UFPE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ELAYNE KARINE DA SILVA SOUZA

**AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE QUALIFICAÇÃO**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ELAYNE KARINE DA SILVA SOUZA

**AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE QUALIFICAÇÃO**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Renato Machado
Saldanha

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO-PE

2017

Catálogo na Fonte
Sistema de Bibliotecas da UFPE. Biblioteca Setorial do CAV.
Bibliotecária Jaciane Freire Santana, CRB4-2018

S719a Souza, Elayne Karine da Silva.

Avaliação do processo ensino aprendizagem na educação física escolar: uma proposta de qualificação / Elayne Karine da Silva Souza. Vitória de Santo Antão, 2017.

43 f.; Il.: color.

Orientador: Renato Machado Saldanha.

TCC (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Licenciatura em Educação Física, 2017.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Educação Física Escolar. 2. Educação Física - Abordagem Pedagógica. 3. Avaliação das condições de aprendizagem. I. Saldanha, Renato Machado (Orientador). II. Título.

796.083 CDD (23.ed.)

BIBCAV/UFPE-045/2017

ELAYNE KARINE DA SILVA SOUZA

**AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE QUALIFICAÇÃO**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em: 31/01/2017.

BANCA EXAMINADORA

Profº Ms. Renato Saldanha (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Marco Fidalgo (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Ms. Alessandra Maria dos Santos (Examinador Externo)

Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esse trabalho a minha avó Ana Soares de Souza, a qual já não se encontra mais entre nós, mas que permanecerá sempre em minha memória, sempre irei carregar seus ensinamentos e seu amor protetor.

AGRADECIMENTOS

Uma bela e árdua jornada termina, foram cinco anos de muito aprendizado, de luta e desafios. Mas enfim estou aqui para agradecer todos aqueles que contribuíram para esse momento único em minha vida, nenhuma palavra conseguiria expressar tamanha felicidade nesse momento, hoje posso orgulhar-me, pois meus familiares que, enquanto classe trabalhadora, tem a sua primeira filha, sobrinha e neta universitária formada.

Agradeço a Deus, por me proteger e me guiar durante toda essa jornada, por iluminar meus caminhos. Agradeço com o meu coração cheio de amor, aos meus pais Josias e Lurdinha. Vocês são os meus alicerces, a minha fonte de inspiração, vocês que sempre se esforçaram e me apoiaram nesse sonho e nessa luta, nenhuma palavra resumirá o tamanho da minha gratidão.

Aos meus familiares, em especial as minhas tias Maria Isabel e Maria Ana que são meus exemplos de dedicação e respeito, influenciaram na minha educação e estão sempre ao meu lado principalmente nas horas que mais preciso. As minhas irmãs Laís e Livia que mesmo apesar das briguinhas amo muito vocês, nunca irei esquecer-me do quanto você Laís me ajudou cuidando de Erick.

Agradeço em especial ao homem que sempre esteve do meu lado durante toda essa jornada, que me inspirou, me motivou, me instigou a chegar até aqui, a você Edmar, meu amor, meu muito abrigada, pois sua presença mesmo em alguns momentos distantes foi o que deixou esta caminhada mais leve, você que sempre paciente para escutar meus desafios e me dar forças. Agradeço ao meu pequenino filho que me expira e que me mesmo tão pequeno foi à pessoa que me deu mais forças e me modificou como pessoa para me torna o que sou hoje, a mamãe de Erick Miguel. Amo vocês demais Erick e Edmar.

Agradeço imensamente ao meu orientador Renato Saldanha por todo o ensinamento que serviu para além das paredes da Universidade. Você, Renato, me formou para a vida, contribuiu na minha formação docente de maneira que me inspira a ser mais sensível e humana. Muitíssimo obrigada, professor.

Agradeço de todo coração a vocês Laudiceia e a Josenilda, pela amizade construída, respeito e companheirismo nos trabalhos, desde o segundo período e que será por toda a vida. Enfim, agradeço a todos que contribuíram para me tornar uma Professora de Educação Física comprometida na luta por uma sociedade mais justa e democrática. Chego ao término com a certeza de que faria tudo outra vez.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Desse modo, deixa claro que o ensino não depende exclusivamente do professor, assim como aprendizagem não é algo apenas de aluno, as duas atividades se explicam e se complementam; os participantes são sujeitos e não objetos um do outro. (PAULO FREIRE, 1999).

RESUMO

Encontra-se na literatura muitos estudos sobre avaliação da aprendizagem. Entretanto, são poucos os trabalhos que a relacionam com o projeto histórico de sociedade, ou seja, a sociedade que temos e a que queremos construir. Sabendo da importância da função da avaliação enquanto categoria decisiva dentro da escola o presente estudo tem como objetivo refletir e analisar o trabalho pedagógico do professor de Educação Física da escola Referência em Ensino Médio Professor Barros Guimarães no município de Glória do Goitá-Pe, investigando como se articulam as práticas avaliativas e a organização do trabalho pedagógico, para em seguida formular proposta de superação a fim de qualificar o processo avaliativo principalmente na área de Educação Física Escolar. Para tanto, fez-se com uma abordagem qualitativa com característica descritiva, que foram norteadas com base em duas questões: Quais as relações que podem ser encontradas entre as práticas avaliativas e as características da organização de nossa sociedade no modo capitalista de produção? E qual a finalidade da avaliação hoje e como acreditamos ser seu real objetivo? Este estudo teve como fundamentação teórica o Materialismo Histórico Dialético e a Pedagogia Histórico Crítica. Para metodologia Utilizou-se como categoria de análise a proposta por Thiollent onde processo de pesquisa-ação é dividido em quatro principais etapas: fase exploratória, fase principal, fase de ação e fase de avaliação.

Palavras-chave: Avaliação Processo Ensino-Aprendizagem; Educação Física Escolar; Trabalho Pedagógico.

ABSTRACT

There are many studies literature on learning assessment. However, there are few works that relate it to the historical project of society, that is, the society that we have and that we want to build. Knowing the importance of the function of evaluation as a decisive category within the school, the present study aims to reflect and analyze the pedagogical work of the teacher of Physical Education of the school Reference in High School Professor Barros Guimarães in the municipality of Glória do Goitá-Pe, investigating how Articulating the evaluation practices and the organization of the pedagogical work, to then formulate a proposal of overcoming in order to qualify the evaluation process mainly in the area of Physical School Education.. To do so, it was made with a qualitative approach with descriptive characteristic, which were guided based on two questions :. What relationships can be found between evaluative practices and the characteristics of the organization of our society in the capitalist mode of production? E What is the purpose of the evaluation today and how do we believe it to be your real goal? This study had as theoretical foundation the Historical Materialism Dialectic and the Critical Historical Pedagogy. For methodology The Thiollent proposal was used as the analysis category where the action-research process is divided into four main stages: exploratory phase, main phase, action phase and evaluation phase.

Keywords: Evaluation Process Teaching-Learning; Physical Education. Pedagogical work.

LISTA DE ABREVIATÖES

ENEM Exame Nacional do Ensino Médio

PIBID Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PPP Projeto Político Pedagógico

MEC Ministério da Educação

IDEB Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. RELAÇÃO ESCOLA-SOCIEDADE E A FINALIDADE DA AVALIAÇÃO	13
3. AVALIAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.....	19
3.1 Avaliação em educação física escolar	25
4. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	28
4.1 Características da unidade escolar	29
5. ANÁLISE E RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES E INTERVENÇÕES	30
5.1 Fase exploratória.....	30
5.2 Fase principal	31
5.3 Fase da ação.....	32
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	41

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto da reflexão sobre experiência vivida em 2015 na Escola de Referência em Ensino Médio Professor Barros Guimarães, em Glória do Goitá, Zona da Mata de Pernambuco, como parte das atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – subprojeto Educação Física / CAV, da Universidade Federal de Pernambuco, do qual fiz parte de março de 2014 até dezembro de 2016.

O PIBID é um programa que fomenta a inserção dos docentes em formação no cotidiano da escola pública, incentivando-os a direcionar sua formação e pesquisas para os desafios daquela realidade. Assim como Victoria (2011), concordamos que esse tipo de pesquisa veiculada a educação, é importante, pois não se restringe apenas as aplicações teóricas, e servem de base para práticas comprometidas e transformadoras.

No início das atividades do PIBID - Educação Física, foi realizada observações das aulas, entrevista com o professor que leciona Educação Física na escola e estudos dirigidos. Em seguida, foi desenvolvida uma proposta de intervenção pedagógica, que tinha como inspiração teorias pedagógicas que se aproximam da tradição de pensamento marxista, como instrumento de compreensão da realidade social (e, mais especificamente, do ambiente escolar) e balizador da ação pedagógica cotidiana (seleção e trato metodológico com o conhecimento, relação docente – discente, organização do processo de ensino-aprendizagem). A Pedagogia Histórico-Crítica, como concepção pedagógica que nos ajuda a compreender a função social da educação e seus fundamentos científicos, e a Concepção Crítico-Superadora, enquanto materialização metodológica de uma proposta contra hegemônica para o ensino da Educação Física.

Tal aproximação epistemológica é citada por Saviani (2007, p. 420):

A fundamentação teórica da pedagogia histórico-crítica nos aspectos filosóficos, econômicos e político-sociais propõe-se explicitamente a seguir as trilhas abertas pelas agudas investigações desenvolvidas por Marx sobre as condições históricas de produção da existência humana que resultaram na forma da sociedade atual dominada pelo capital. É, pois, no espírito de suas investigações que essa proposta pedagógica se inspira. Frise-se: é de inspiração que se trata e não de

extrair dos clássicos do marxismo uma teoria pedagógica. Pois, como se sabe, nem Marx, nem Engels, Lênin ou Gramsci desenvolveram teoria pedagógica em sentido próprio. Assim, quando esses autores são citados, o que está em causa não é a transposição de seus textos para a pedagogia e, nem mesmo, a aplicação de suas análises ao contexto pedagógico. Aquilo que está em causa é a elaboração de uma concepção pedagógica em consonância com a concepção de mundo e de homem própria do materialismo histórico.

Como seria impossível incluir nesse trabalho todas as vivências, aprendizagens e acúmulos conseguidos em 3 anos de atuação no PIBID, optamos por focalizar aqui as reflexões relacionadas aos processos avaliativos. Faz-se necessário discutir a avaliação, pois entendemos que ela é parte importante de uma totalidade maior, que é o processo ensino-aprendizagem, e como tal tem um papel importante na formação humana dos discentes, podendo servir para contribuir ou negar o processo de humanização. A escolha do tema se deu devido aos questionamentos que sempre fiz aos métodos avaliativos utilizados pelos meus professores durante minha formação, e as inquietações que surgiram no momento em que eu precisei, enquanto professora, conduzir a avaliação.

Inicialmente, faço uma breve exposição teórica sobre o tema e, em seguida, relato nossa intervenção como uma proposta concreta de superação das limitações encontradas em uma realidade concreta, apresentando-a como possibilidade de qualificação do processo ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, da formação dos alunos da escola pública na qual foi realizada a pesquisa.

Pela necessidade de se pensar a avaliação de maneira mais concreta, considerando não apenas a realidade material de vida dos alunos, mas também sua história de vida, sua inserção dentro da comunidade, e portanto, suas potencialidades e limitações, este estudo busca embasamento teórico no Materialismo histórico Dialético. “O método dialético que desenvolveu Marx, o método materialista histórico dialético, é método de interpretação da realidade, visão de mundo e práxis” (PIRES, 1997). Portanto, busco extrair, desse instrumental teórico, não apenas embasamento para a prática efetiva em sala de aula, mas também explicações para o fenômeno educacional de maneira mais ampla, extraindo sua concretude de suas múltiplas relações e determinações.

Sendo assim, o que se propôs foi, a partir de pesquisa bibliográfica, estudos teóricos, observações e conversas com um professor atuante na Educação Física escolar, buscar subsídios para responder algumas questões como: Quais as relações podem ser encontradas entre as práticas avaliativas e as características da organização de nossa sociedade no modo capitalista de produção? Qual a finalidade da avaliação hoje e como acreditamos ser seu real objetivo? A partir desses questionamentos este estudo tem como objetivo refletir sobre o trabalho pedagógico do professor de Educação Física, investigando como se articulam as práticas avaliativas e a organização do trabalho pedagógico, para posteriormente formular proposta de superação que qualificassem o processo avaliativo principalmente na área de Educação Física Escolar, e possibilitar aos alunos o aprendizado necessário para sua emancipação.

E é partindo desse acúmulo teórico que construímos nossa intervenção. O desafio era materializar toda a discussão até aqui tratada em uma prática de fato emancipatória e transformadora. Longe de pretender fornecer uma receita, a ser copiada e reproduzida em contextos diferentes, vamos mostrar uma possibilidade de como a avaliação deve contribuir na formação dos alunos de forma que estes se percebam enquanto seres coletivos, para formar uma sociedade mais democrática, humana e igualitária.

2. RELAÇÃO ESCOLA-SOCIEDADE E A FINALIDADE DA AVALIAÇÃO

Não podemos discutir avaliação olhando apenas para o interior da escola. Entendemos avaliação como uma das categorias presente na escola, e para compreendê-la se faz necessário o entendimento sobre a função social da escola no atual modelo organizacional “Capitalista” de nossa sociedade, que é o contexto no qual nossa escola pública está inserida.

É importante destacar que a educação está inserida num contexto social e, analisar a relação educação/sociedade é fundamental para entender a escola numa sociedade capitalista, pois, o papel desempenhado por ela passa pela reprodução do modo de produção da sociedade (SILVA, A. 1999. p. 6).

Assim como Victoria (2011), acreditamos que à função social da escola, deveria ser o de socializar o saber sistematizado auxiliando na construção do conhecimento e na compreensão das realidades sociais. Oliveira (1985), citado pela mesma autora, afirma que “A escola é o local onde o indivíduo estaria se instrumentalizando para atuar no meio social ao qual pertence”. Mas o que percebemos é que a escola vem desempenhando, através do trabalho pedagógico dos educadores, funções que são demandadas pelo projeto social hegemônico, ou seja, pelo capital. Nesse atual modelo organizacional de nossa sociedade, a escola está a serviço dos interesses da classe dominante.

Entretanto acreditamos que a educação é um instrumento de humanização e, para que isso se efetive, defendemos que o *trabalho* precisa ser um princípio educativo. *Trabalho* nesse estudo é compreendido como a ação consciente e transformadora do homem sobre a natureza.

o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. A essência humana não é, então, dada ao homem; não é uma dádiva divina ou natural; não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. É através do trabalho que o ser humano vai se formar e vai transformar a natureza para sua sobrevivência. (SAVIANI, 2007. p. 34).

Isso quer dizer o trabalho é a ação vital do ser humano, é uma ação consciente e, por esta razão, o faz diferente dos outros animais. É através do trabalho que o homem se relaciona com a natureza para a produção dos meios

que garantam sua existência. “Outros animais são capazes de agir sobre a natureza, modificando-a. Mas nenhum deles o faz de maneira planejada, intencional, buscando um objetivo que foi projetado inicialmente.” (SILVA, S. 2015). A necessidade de agir sobre a natureza para dela extrair as condições de sua sobrevivência, impulsionou o desenvolvimento do gênero humano.

A inclusão de novos alimentos na dieta humana, como raízes, carnes e pescados, oferece ao organismo fontes de ferro, zinco, iodo, cálcio e outros nutrientes, que permitiram ao homem desenvolver seu cérebro e outros órgãos. Ao mesmo tempo, exigiu cada vez mais a manipulação de objetos, a fabricação de instrumentos. As novas exigências transformam as mãos, que passam a ser capazes de ações mais complexas (SILVA, S. 2015. p.17).

Ao longo de sua formação, o homem foi se apropriando de habilidades mais complexas, desenvolvendo instrumentos para um melhor viver e acumulando saberes cada vez mais complexos, passados de geração para geração para garantir suas necessidades. Villas Boas (1993) nos ensina que ao longo do tempo o processo de trabalho passou por algumas transformações, até chegar a sua forma de organização capitalista.

O desenvolvimento das forças produtivas tornou possível a alguns homens deixar de trabalhar, passando a viver do trabalho alheio. Saviani (2007) denuncia:

Mas o controle privado da terra onde os homens vivem coletivamente tornou possível aos proprietários viver do trabalho alheio; do trabalho dos não-proprietários que passaram a ter a obrigação de, com o seu trabalho, manterem-se a si mesmos e ao dono da terra, convertido em seu senhor (p.155) .

Na sociedade capitalista, os homens que detém os meios de produção exploram indivíduos da mesma espécie para obter o lucro e concentrar em suas mãos mais riqueza. Já os sujeitos que trabalham, são alienados, não apenas do produto de seu trabalho, como também do controle do processo pelo qual se produz. A decisão sobre como produzir, o que produzir, e quando produzir não está ao alcance de todos.

Essa divisão dos homens em classes (a classe dos que produzem, e a classe daqueles que vivem da produção alheia) se manifesta também educação (SAVIANI, 2007). Existe uma escola feita para os membros da elite, com boa estrutura, e com compromisso em garantir acesso ao conhecimento

“de ponta” àqueles que tem o privilégio de frequentá-la. Por outro lado, existe a escola que não foi feita para funcionar, que serve como depósito de crianças, filhos da classe trabalhadora. Como afirma Libâneo

um dos grandes perigos dos tempos atuais é uma escola a “duas velocidades”: por um lado, uma escola concebida essencialmente como um centro de acolhimento social, para os pobres, com uma forte retórica da cidadania e da participação. Por outro lado, uma escola claramente centrada na aprendizagem e nas tecnologias, destinada a formar os filhos dos ricos (LIBANEO, 2012. p. 16).

Desta forma, o sistema educacional contribui para perpetuar a divisão de classes, justificando e legitimando que os postos mais valorizados da nossa sociedade sejam ocupados por aqueles que frequentaram uma “boa escola”, enquanto as classes subalternas, quando não desempregadas, devem se contentar em servir de mão de obra e barata e superexplorada. Saviani (2007), afirma que:

A partir do escravismo antigo passaremos a ter duas modalidades distintas e separadas de educação: uma para a classe proprietária, identificada como a educação dos homens livres, e outra para a classe não proprietária, identificada como a educação dos escravos e serviçais. A primeira, centrada nas atividades intelectuais, na arte da palavra e nos exercícios físicos de caráter lúdico ou militar. E a segunda, assimilada ao próprio processo de trabalho. (SAVIANI, 2007. p. 155).

A escola atua para perpetuar o modelo organizacional de nossa sociedade, direcionando a formação dos sujeitos de acordo com sua origem de classe, não capacitando os sujeitos para compreender e transformar a realidade social a qual são colocados diariamente. Como afirma as contribuições de Villas Boas, (1993, p. 20)

A ordem hierárquica do sistema escolar, direcionada para preparar os alunos para a ocupação de posições na hierarquia de produção, limita o desenvolvimento das capacidades que envolvem o exercício de participação democrática e reforça a desigualdade social, legitimando a designação dos alunos para posições desiguais na hierarquia social.

Sem compreender isso, não é possível entender os reais objetivos da escola, e as práticas que ali tem lugar. Freitas, (1994) acrescenta que A escola sofre influência das grandes determinações do processo de trabalho na

sociedade capitalista, as quais incorporam-se na forma de organização do trabalho pedagógico da escola.

A naturalização das desigualdades sociais, passa pelo mascaramento das contradições sociais (a negação da existência da luta de classes e da classe social como um dos determinantes do destino social dos sujeitos) e das tendências estruturais de acumulação, centralização e concentração do capital. A concepção da sociedade como o conjunto de indivíduos livres e racionais, hegemônica na educação sob o modo de produção capitalista, alicerça o mito de que as desigualdades sociais são fruto do mérito individual (ou da falta dele).

Esse direcionamento tem desdobramentos diretos sobre a dinâmica escolar. SAVIANI (2007) afirma que o modo como se organiza o trabalho na nossa sociedade orienta e determina o caráter do currículo escolar, já que este busca incorporar exigências da vida nessa sociedade. A avaliação educacional é indissociável desse processo. O modo como são concebidas e elaboradas as provas e testes, além do uso que é dado aos seus resultados, evidencia o modo como a própria educação escolar vem sendo pensada, qual a sua função e prioridades:

O ranqueamento, a responsabilização dos sujeitos (através de um sistema de punições e recompensas) e a defesa ideológica da meritocracia, fazem com que o resultado positivo em um teste padronizado passe a ser a principal meta perseguida por gestores e professores. Instala-se assim a cultura da auditoria, como um sistema de controle sobre o trabalho pedagógico, onde a função social da escola, de formação científica, política, humana, entre outros, fica relegada a um segundo plano. (SILVA, SÉRGIO. 2015. p. 15).

Em contrapartida, acreditamos que a educação não pode ser reduzida a um processo de domesticação do trabalhador. Defendemos uma escola que forme para o trabalho, enquanto atividade vital e produtora do próprio ser humano, mas não para o emprego, o trabalho alienado, que tem como objetivo apenas responder as necessidades de expansão do capital¹.

¹ Exemplo de medida que visa submeter a educação aos ditames do capital é a Medida Provisória 746/2016, que versa sobre a reforma do Ensino Médio. Entre outros absurdos, a proposta acaba com a noção de “educação básica” como aquela onde é socializado um conjunto de saberes que devem ser apropriados por todos os cidadãos, de forma universal. A partir da criação de diferentes “itinerários de

Comprometidos com os interesses da classe trabalhadora, buscamos ampliar o conhecimento de mundo dos nossos alunos, buscando desvelar esse atual modelo educacional e os seus interesses. Isso só é possível se o professor tiver clareza dos determinantes políticos, sociais e ideológicos que marcam a organização e o funcionamento da escola.

Para isso, nos valem da noção de trabalho pedagógico, como uma abordagem que vai além da fazer cotidiano do professor em sala de aula. Concordamos com Frizzo, que contrapõe a concepção de trabalho pedagógico ao trabalho docente, ou prática pedagógica.

Na medida em que se compreende ou mesmo se reduz o significado do trabalho desenvolvido nas escolas a uma prática – prática pedagógica, prática docente –, desloca-se o eixo da problematização do trabalho pedagógico, como atividade humana intelectual entendida como práxis humana, onde se dissocia a relação teoria-prática para um protocolo de atividades burocráticas, que podem ser executadas por indivíduos que sejam treinados para isso durante a graduação ou cursado um conjunto de disciplinas acadêmicas denominadas de práticas de estágio, estágio docente, práticas de ensino e outras. A rigor o que importa é a prática da docência: observar o fazer, aprender como fazer e fazer. (FRIZZO, 2008. p.159-160).

O trabalho pedagógico precisa partir da análise das contradições existente de nossa sociedade, para buscar a conscientização de valores humanos, com o objetivo de criar formas mais democráticas de interação social. Frizzo (2008) nos ensina que:

O trabalho pedagógico é uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal para realizar nos sujeitos humanos as características de seres humanos. Essa prática social é munida de forma e conteúdo, expressando dentro das suas possibilidades objetivas as determinações políticas e ideológicas dominantes em uma sociedade (p.163).

formação”, o novo currículo obrigatório deixará de oferecer disciplinas como Educação Física, Artes, Filosofia e Sociologia, já que o aluno será obrigado direcionar, já no ensino médio, sua formação para um campo de conhecimento restrito. Essa reforma busca agilizar e baratear a formação escolar, atendendo assim a demandas do mercado por mão de obra barata, e consequentemente aos interesses da classe dominante, já que nega conhecimento aos membros da classe trabalhadora, limitando-os a uma formação cada vez mais técnica, competitiva, instrumental.

É necessário instrumentalizar os sujeitos para que esses utilizem sua capacidade de pensar e agir sobre a natureza para, repensar ações, entender a realidade em sua totalidade a partir das contradições e buscar a transformação.

Se não tivermos claro um posicionamento filosófico, crítico e consciente, certamente estaremos seguindo a orientação filosófica predominante no nosso meio sociocultural por meio do senso comum, o qual, na maior parte das vezes, é habitual, automático e inconsciente. (LUCKESI, 2011. p. 28).

Fica claro, portanto, que para definirmos como será nossa atuação enquanto professores (e conseqüentemente, que tipo de avaliação iremos realizar com nossos alunos) precisamos ter claro antes que tipo de homem queremos formar: o que irá reproduzir esse modo de produção capitalista ou o que vai compreender, criticar e posteriormente buscar a transformação desta? Visto que esse último irá se perceber enquanto sujeito histórico, produtor de conhecimento e que é agente transformador da realidade, embora determinado por contextos culturais, políticos e econômicos. Esta pergunta precisa que ser respondida pelo educador como direção para todo seu trabalho pedagógico. Assim sendo, seus métodos avaliativos deverão ser coerentes com essa escolha.

No próximo capítulo veremos como a avaliação se vincula com essa função social da escola e com esse objetivo proposto.

3. AVALIAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

Assim como os objetivos da escola inserida no modo de produção capitalista tem a intencionalidade de servir e conservar os interesses da classe dominante, a avaliação também não é neutra. Segundo Alcir Silva (1999), vários estudos têm sido produzidos sobre avaliação da aprendizagem. Entretanto, poucos são os trabalhos que a relacionam com o projeto histórico, ou seja, a sociedade que temos e a que queremos construir, que naturalmente se efetiva no projeto político-pedagógico.

Freitas (1995, p. 59-63) já indicava que a avaliação seria a categoria mais decisiva para assegurar a função social da escola, relacionado-a aos objetivos da escola e das “matérias”. Para ele, os objetivos da escola determinam seu conteúdo/forma; assim, as categorias objetivos/avaliação e conteúdo/método estruturam a organização do trabalho pedagógico da escola e repassam suas determinações para o interior do trabalho pedagógico da sala de aula (didática).

É possível que a categoria mais decisiva para assegurar a transmutação da função social que a escola tem na sociedade capitalista, para os objetivos da escola e do trabalho pedagógico seja a categoria da avaliação. A avaliação e os objetivos da escola/matéria são categorias estreitamente interligadas. A avaliação é a guardiã dos objetivos. Os objetivos em partes estão diluídos, ocultos, mas a avaliação é sistemática (mesmo quando informal) e age em estreita relação com eles. No cotidiano da escola os objetivos estão expressos na prática de avaliação. Na avaliação estão concentradas importantes relações de poder que modulam a categoria conteúdo/método, ou seja, os objetivos da escola como um todo (sua função social) determina o conteúdo/forma da escola. (FREITAS, 1994. p.55).

Compreendemos a partir da leitura desse autor que a avaliação enquanto categoria do trabalho pedagógico pode ter como finalidade contribuir ou negar o processo de humanização. Como afirma Freitas (1994), “a avaliação reúne um conjunto de práticas que legitima a exclusão da classe trabalhadora da escola e está estreitamente articulada com a organização global do trabalho escolar”.

O modelo de avaliação que se concentra atualmente nas escolas incorpora objetivos seletivos e punitivos da escola capitalista que contribui para

formar pessoas individualistas e competitivas, deixando de lado o companheirismo e a solidariedade para com o outrem, pois não se percebem enquanto coletivo. Por isso acreditamos que os métodos avaliativos utilizados pelos professores devem contribuir para a construção de seres humanos mais coletivos, autônomos e críticos que busquem uma sociedade mais justa e igualitária.

Então não podemos dizer que a avaliação é apenas um ato pedagógico com o objetivo de diagnosticar os erros do processo ensino-aprendizagem para melhorar o desempenho dos alunos sobre a nota. Como também não podemos desconsiderar as relações pessoais autoritárias dentro da escola, pois isso influenciará totalmente no trabalho pedagógico com implicações na prática avaliativa. A avaliação está embutida nas relações pessoais e podemos afirmar, com base em nossas vivências no estágio curricular e na nossa experiência na escola parceira ao PIBID.

[...] a avaliação apresenta-se no interior da escola de uma maneira formal, determinada em períodos, instrumentos, forma, conteúdos, conhecimento, habilidades e atitudes a serem avaliadas. No entanto, existe, e pode ser claramente observada, uma outra dimensão da avaliação designada aqui de “informal”, que não é assumida pela escola, mas é mediada pelo professor. Essa avaliação informal pode ser reconhecida nas posturas corporais dos professores, em suas manifestações verbais, em seus olhares etc., que durante as aulas exercem influência sobre os alunos [...] (SOARES et al., 1992, p.107).

Para ilustrar com dados concretos, iremos relatar nossa experiência no estágio em turmas do ensino médio. Estagiamos em uma Escola Regular da rede Estadual de Ensino localizada em Limoeiro-Pe. Esta escola possui a melhor quadra poliesportiva da cidade, salas climatizadas, biblioteca ampla com sala de leitura, cantina e ótimos espaços com área verde e aberta. Porém, o mais importante não tinha: o trabalho pedagógico coletivo. Os professores trabalhavam cada um na sua salinha. A área verde estava totalmente esquecida e coberta por mato. Da mesma forma, as mesas com tabuleiros de dama estavam todas danificadas, o que comprova o pouco apreço pelas áreas comuns.

No período de observação notamos que os alunos não possuíam uma boa relação com os educadores da escola. Presenciamos algumas conversas

na qual uma educadora chegou a gritar com o aluno para voltar ao reforço escolar que era no contra turno, para não deixar o mesmo assistir nossa aula. Os funcionários da escola não nos cumprimentavam, e alguns alunos reclamavam da pouca assiduidade da gestora.

Nessa escola havia dois professores de Educação Física. Ambos trabalhavam individualmente e pudemos notar que a relação entre os dois não era amistosa. Com relação ao vínculo empregatício, um era contratado e o outro era concursado.

Acompanhamos o professor contratado durante a realização do estágio, percebemos que o mesmo tinha, aparentemente, uma relação cordial com os alunos. Mas a mesma era estabelecida com autoritarismo e constantes ameaças de punição. Da mesma forma, a sua avaliação era usada como ferramenta de coação, com provas surpresas para aqueles que não demonstravam interesse em sua aula, e perguntas mais difíceis na apresentação oral de alguns grupos.

A prática de avaliação escolar dentro do modelo liberal conservador, terá de ser autoritária, pois esse caráter pertence à essência dessa perspectiva de sociedade. Portanto, a avaliação educacional será um instrumento disciplinador das condutas cognitivas e sociais no contexto da escola. (SOBREIRA, 2008. p. 2)

De nossa experiência desse estágio podemos concluir que a escola é um espaço constante de luta entre a classe dominante e a classe explorada. A luta se dá pelo direcionamento social do conhecimento, que precisa estar a serviço dos interesses da classe trabalhadora. Na escola pública esse conhecimento na maioria das vezes é negado ao aluno, que deixa de acessar ao conhecimento produzido historicamente pelo gênero humano. Os professores trabalham cada um em sua sala e de forma individual e o professor que acompanhamos utilizou desses instrumentos avaliativos para “domesticar” seus alunos.

O corpo docente, sob orientação da equipe diretiva da escola, em especial da supervisão escolar, necessita, após refletir sobre as formas de avaliação que estão sendo realizadas na instituição, formular uma proposta avaliativa para ser seguida pelo grupo. Nessa proposta, em conformidade com a legislação vigente e com o Projeto Político-Pedagógico da escola, devem constar os critérios pelos quais se organizará a avaliação no âmbito do educandário, quanto ao princípio político-social ao qual a escola se propõe; às funções da avaliação da

aprendizagem; aos instrumentos e registros de avaliação; às formas de recuperação, dentre outros pressupostos que possam nortear o ato de avaliar. (FREITAS, 2011. p. 121).

Segundo Freitas, (2002), vivemos uma cultura de avaliação positivista na qual não há espaço para a dúvida, nem tempo para a reflexão e a participação. Tudo está orquestrado para funcionar sem problemas, sem hesitações. Ainda segundo o mesmo autor, [...] A Avaliação que vem sendo produzida e reproduzida na sociedade capitalista - avaliação produto, avaliação neutra, avaliação positivista [...]

A avaliação escolar, que tem como objetivo proclamado possibilitar ao professor diagnosticar a ocorrência e a não-ocorrência da aprendizagem, para fins de replanejamento do trabalho pedagógico, encerra aspectos contraditórios, ao exercer funções que, ao invés de manterem o aluno na escola e facilitarem seu percurso, fazem-no se afastar dela. Assim, por este mecanismo os alunos são classificados, rotulados, discriminados, eliminados ou mantidos na escola. Daí a importância e a necessidade de se realizarem que revelem a sua face oculta. (VILLAS BOAS, 1993. p. 9)

Precisamos ter clareza onde desejamos chegar na formação dos educandos, a partir disso saberemos quais instrumentos avaliativos podemos utilizar na condução do trabalho pedagógico. Caso não saibamos, iremos utilizar a avaliação dessa mesma forma. Mas é preciso que toda a escola assuma esse papel, pois a formação do sujeito precisa ser um objetivo em comum a todos.

Nessa perspectiva se faz necessário que avaliação do processo ensino aprendizagem esteja atrelada ao Projeto Político Pedagógico da Escola. Projeto Político que deve estar articulada com interesse da classe trabalhadora tendo como eixo curricular a apreensão e interferência crítica e autônoma da realidade (SOARES et al. 1992). O que podemos perceber em nossos estágios é que as escolas não utilizam o PPP como direcionamento para as atividades, mas o têm engavetado para fins burocráticos.

[...] pode-se conceituar o projeto político-pedagógico como a construção coletiva, pela comunidade escolar, de um plano de intenções e de ações, no sentido de definir as ações pedagógicas (e por conseguinte, políticas), que possibilitem a formação de um cidadão para um determinada sociedade. (SILVA, A. 1999. p 8).

A avaliação precisa estar atrelada aos objetivos para assim ter uma finalidade/apropriação, e só temos clareza quando conhecemos os objetivos do PPP, pois neles está descrito o perfil de homem que queremos formar para essa sociedade e assim teremos clareza de quais instrumentos utilizaremos para atingir esse objetivo. “Os objetivos, sem alguma forma de avaliação, permaneceria sem nenhum correlato prático que permitisse verificar o estado concreto da objetivação” (FREITAS, 1994. p. 91).

“A avaliação, portanto, deve servir para indicar o grau de aproximação ou afastamento do eixo curricular fundamental, norteador do projeto pedagógico que se materializa nas aprendizagens dos alunos” (SOARES, et al.1992). Por isso a importância da escolha e da clareza, de uma pedagogia que defenda os interesses da classe trabalhadora, pois assim conseguiremos desenvolver um trabalho pedagógico com direcionamento político.

Partindo desse pensamento, acreditamos que a metodologia utilizada pelos professores nas escolas contribui muito para o sucesso ou fracasso do processo ensino-aprendizagem (VICTORIA, 2011). Esta dificuldade em efetivar intervenções pedagógicas possui vários motivos, dentre eles, a pouca compreensão das teorias pedagógicas e de seus objetivos nas práticas. Estas teorias influenciam muito no trabalho pedagógico, pois estão associadas às expectativas da sociedade e de concepção de homem. Portanto, é importante que os professores conheçam tais tendências pedagógicas, para assim poder construir conscientemente a sua própria trajetória político-pedagógica. Isso fica entendido nas palavras de Gasparin (2009, p.147-148), quando afirma:

[...] os professores não possuem muita clareza de como proceder na aplicação dessa proposta didático-pedagógica em sua prática docente cotidiana. Tem grande dificuldade em planejar sua ação seguindo os cinco passos. Os empecilhos são sempre de dupla ordem: a) dificuldade em entender a teoria e seus fundamentos histórico-materialistas, e b) como passar dessa teoria a um projeto de ensino-aprendizagem específico de um determinado conteúdo escolar.

Concordamos com Sobreira (2008), quando afirma:

“para que avaliação educacional assuma seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento, terá de situar e estar a serviço de uma pedagogia

que esteja preocupada com a transformação social e não com sua conservação". (p.3)

Neste presente trabalho utilizamos a Pedagogia Histórico Crítica.

A pedagogia histórico-crítica se empenha na defesa da especificidade da escola, buscando resgatar a sua importância e reorganizar o trabalho educativo, levando em conta o saber sistematizado, a partir do qual se define a especificidade da educação escolar. (VILLAS BOAS, 1993. p.32)

A avaliação que deveria ser um processo contínuo de medição de conhecimento, hoje está servindo para impor medo e disciplina. Podemos perceber isso nas palavras de Sobreira (2008):

Já a prática de avaliação nas pedagogias libertaria e pedagogia dos conteúdos socioculturais, preocupadas com a transformação, devera estar atenta aos modos de superação do autoritarismo e ao estabelecimento da autonomia do educando, pois o novo modelo social exige a participação democrática de todos. (p.6)

A diversificação dos instrumentos avaliativos para alcançar a aprendizagem significativa e/ou reorientar o trabalho pedagógico pode fazer muita diferença, pois falar de avaliação do processo de ensino aprendizagem significa dizer que todos os alunos aprendem de maneiras diferentes, em tempos diferentes e porque são diferentes.

No utilizar instrumentos de avaliação bem elaborados, como estímulos e desafio ao interesse e à curiosidade dos alunos, empregando os dados coletados com finalidades precisas, divulgando os resultados com registros sistemáticos em fichários cumulativos. Isso só possível de ser realizado durante todas as partes da aula, onde o professor e alunos, tanto na sistematização do conhecimento, quanto na ampliação e aprofundamento da sistematização do conhecimento, utilizam instrumentos, técnicas e procedimentos que, além de estimular e motivar os alunos, permite coletar informações sobre seus desempenhos (SOARES et al., 1992, p.106).

Dessa forma a avaliação servirá para que o professor repense maneiras de aprimorar ainda mais seu trabalho, corrigir os erros, vê o que deu certo para qualificar e potencializar seu trabalho pedagógico e não um processo meramente burocrático e técnico, executado no fim do semestre,

3.1 Avaliação em educação física escolar

Concordamos com Soares et al, (1992), quando afirma que a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais, como jogo, esporte, dança e ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal.

A Educação Física na escola, nessa perspectiva, deve contribuir para que seus objetivos aproximem-se do eixo norteador do projeto pedagógico. Projeto pedagógico que, como já foi dito anteriormente, deve estar atrelado aos interesses da classe trabalhadora e comprometido com a transformação social.

As avaliações se encontram a serviço da ação em processo, alimentando e reorientando o percurso da aprendizagem do estudante, não havendo “a avaliação”, mas um conjunto de avaliações que sinalizam o caminhar dos alunos, dos professores, das instituições formativas, no seu processo de aprender, ensinar e formar. (SANTOS; MAXIMIANO, 2013. p.892)

Vários autores, entre eles Freitas (2002), Villas Boas (1993) e Coletivo de Autores (1992), denunciam que a dimensão política e ideológica da avaliação da aprendizagem, enquanto instrumento dentro da escola, tem servido como discriminação, classificação e seleção social. Por isso, defendemos que a avaliação deve ser mais participativa e que contribua para que os alunos consigam organizar, interpretar, compreender e explicar sua realidade.

Darido (1999) relata que as pesquisas realizadas na área de Educação Física escolar indicam que, atualmente, a perspectiva tradicional, aquela que prioriza o produto, a quantificação e a avaliação por meio de testes vem sendo substituída por uma visão mais processual, abrangente e qualitativa. A autora afirma ainda que, mesmo assim, é recorrente professores de Educação Física preferirem utilizar critérios para atribuir as notas quanto a participação, a frequência e desempenhos de habilidades motoras. Se há um avanço positivo em relação aos processos avaliativos anteriores, porém ele ainda é insuficiente para que os alunos entendam a importância dessa área de conhecimento e a incorpore a em suas vidas

A avaliação da aprendizagem em Educação Física, quando realizada, denota claramente os aspectos quantitativos de mensuração do rendimento do aluno, através de gestos técnicos, destrezas motoras e qualidades físicas, visando principalmente a seleção e a classificação. Muitas das vezes, o único critério para aprovação e reprovação e a assiduidade (presença) dos alunos nas aulas. (SILVA, Alcir. 1999. p. 3)

Presenciamos nos estágios, professores aplicando provas e seminários, algumas vezes com caráter punitivo, para atribuir uma nota, assim como também à frequência e o comportamento durante as aulas são convertidas em notas. Concordamos com o Soares et al (1992), quando diz que os estudos hoje sobre Avaliação em Educação Física se resumem em muitos casos ao paradigma docimológico Clássico, o qual tem como maiores preocupações exames, testes, provas, e sistemas, estabelecendo desta forma critérios com fins apenas classificatórios e seletivos.

Avaliação do processo ensino-aprendizagem é muito mais do que simplesmente aplicar testes, levantar medidas, selecionar e classificar alunos, Soares et al (1992). Esses métodos contribuem para que avaliação tenha função seletiva e meritocrática, o que leva a discriminação e evasão de alunos principalmente advindos da classe trabalhadora, reflexos de uma sociedade capitalista na qual a escola acaba servindo para reproduzir o modo de produção de vida, com discurso falacioso de que estão preparando o aluno para o mercado de trabalho.

Ainda Segundo o Soares et al, (1992):

Esse reducionismo das possibilidades pedagógicas da Educação Física traz, como consequência, limitações nas finalidades, forma e conteúdo da avaliação... O significado é a meritocracia, a ênfase no esforço individual. A finalidade é a seleção. O conteúdo é aquele advindo do esporte, e a forma são os testes esportivos-motores (p. 100, 101).

Na educação física fica mais evidente a ideia da seleção, quando muitos professores selecionam os mais aptos para uma determinada modalidade e excluem alguns alunos por não terem afinidade e utilizam das aulas para treinamento.

Deve se considerar na avaliação que o patrimônio cultural que se expressa nas possibilidades corporais, no acervo de conhecimentos sobre a cultura corporal, se diferencia de acordo com a condição de classe social dos alunos. O uso de mediadas e avaliação não deve neutralizar, mas sim, possibilitar uma leitura crítica dessas condições para, partir daí,

ampliar e aprofundar a compreensão dessa realidade.
(SOARES et al., 1992, p.. 103)

Essa forma de avaliar estimula ainda mais o sujeito a ser competitivo e querer ser mais individualista para se sobressair por cima dos outros. Por isso faz-se necessário buscar alternativas a ela, que se aproximem da perspectiva crítica. A seguir, refletiremos sobre outra possibilidade de como a avaliação deve contribuir na formação dos alunos de forma que estes se percebam enquanto seres coletivos, para formar uma sociedade mais democrática, humana e igualitária. Essa intervenção foi desenvolvida em aulas de Educação Física a partir da experiência no PIBID.

4. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir das atividades executadas no PIBID/Educação Física, construída a partir das observações e estudos da escola parceira e das aulas de Educação Física especificamente, bem como estudos sobre a Pedagogia Histórico-crítica e as orientações didáticas, leituras de artigos científicos e livros para essa referência de trabalho pedagógico.

Para esta pesquisa foi utilizada como procedimentos metodológicos a combinação de pesquisa bibliográfica, sendo esta desenvolvida com “[...] base material já elaborado, constituído principalmente de livros e arquivos” (GIL, 2007, p.44), e pesquisa-ação.

Thiollent, (1994, p.14), define pesquisa-ação como:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores, os representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Dentro desta mesma ideia, o processo de pesquisa-ação pode ser dividido em quatro principais etapas, que serão descritas a seguir: fase exploratória, fase principal, fase de ação e fase de avaliação (THIOLLENT, 1994). Nesta pesquisa, a Fase Exploratória foi composta por análise e diagnóstico das aulas de Educação Física da escola, logo no início das atividades do PIBID. Esse diagnóstico foi construído com observações simples das aulas de Educação Física da escola.

Do dia 02/09/2015 ao dia 18/09/2015 se constituiu o período de observação na Escola EREM Professor Barros Guimarães para realizar observações das aulas de Educação Física, sendo feita a visita duas vezes por semana das 07h30min às 11h30min, no qual os critérios de observação utilizados foram observar o sujeito, o cenário e o comportamento social. Na Fase Principal (Planejamento), ocorreu a construção da Proposta da Avaliação do processo ensino-aprendizagem baseado na Pedagogia Histórico-Crítica, bem como discussões sobre o tema para um melhor entendimento de como deveria ser construído a proposta. É importante ressaltar que o planejamento foi construído coletivamente, o professor de Educação Física da Escola, os 10 participantes do PIBID e professor coordenador do programa. A Fase de Ação

foi a execução do nosso planejamento, na unidade de dança nas aulas de Educação Física em turmas de 3º ano do ensino médio.

4.1 Características da unidade escolar

A Escola EREM Professor Barros Guimarães, onde foi realizada a pesquisa, está situada na cidade de Glória do Goitá em Pernambuco, na Avenida Djalma Dultra, 238 – Centro. E faz parte da rede Pública Estadual de Ensino da cidade.

A Escola oferece ensino do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, nos turnos matutino e vespertino, pois o ensino é integral. A escola tem 450 alunos e possui nove turmas, onde os alunos são tanto da zona urbana quanto da zona rural. A escola oferece laboratório de ciências e informática, uma quadra descoberta, um pátio, dois sanitários o qual não oferece chuveiros para a higienização dos alunos, já que os mesmos passam o dia na escola, cantina, uma secretária, uma sala de direção, biblioteca, uma sala para professores, nove salas de aulas com poucos ventiladores, tornando-as quentes e uma sala de materiais para Educação Física.

5. ANÁLISE E RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES E INTERVENÇÕES

Nessa seção serão apresentados e analisados os dados de cada fase da pesquisa, desde o diagnóstico até as intervenções realizadas.

5.1 Fase exploratória

Essa fase foi construída a partir de registros no caderno de campo e conversas com o professor durante o período de observação, o primeiro critério foi o sujeito, o professor de Educação Física da escola tem formação plena em Educação Física pela UFPE, Pós em Musculação e Treinamento de Futebol, e recentemente foi aprovado na seleção de mestrado em Educação Física Escolar na UPE.

Identifiquei durante as suas aulas que ele utiliza da metodologia critico-superadora para construção de suas aulas, o mesmo em conversas informais disse utilizar-se dessa metodologia para embasamento das aulas. Outro Critério da observação foi o comportamento social. O professor tem uma boa relação com os alunos e com os outros professores, todos conhecem seu trabalho e o mesmo já conseguiu o respeito de toda a comunidade escolar. Ele atua na escola há seis anos, e possui uma boa relação com a coordenação da escola, pois esse professor já desenvolve um trabalho diferente.

Para Freitas (1998), o aspecto mais importante não é a avaliação, mas a interação que o professor realiza durante todo ano letivo com o aluno em sala de aula. A avaliação vai registrar o produto desta interação.

Suas aulas são embasadas por livros, artigos científicos e OTM's (Orientações Teórico-Metodológica...), o mesmo busca sempre anotar os pontos positivos e as dificuldades encontradas durante as aulas, o que faz parte da avaliação enquanto processo contínuo no ensino. Sobre os instrumentos avaliativos, o mesmo busca utilizar de provas discursivas, seminário teórico e prático, trabalhos em grupos e autoavaliação. Geralmente estes instrumentos eram utilizados no final do bimestre para construção de notas da unidade, caracterizando assim a avaliação de produto.

A avaliação de produto configura-se na verificação, medida e interpretação dos resultados obtidos na avaliação como um todo, quer seja em momentos pré-definidos ou no ato conclusivo, com vistas a determinar as discrepâncias entre os objetivos traçados e o real. Fornece informações para

prosseguimento ou alteração dos objetivos. (MACEDO; LIMA, 2013, p. 164)

Entretanto ele faz reflexões das suas aulas, o que esta dando certo, o que precisa ser melhorado para outras turmas, a fim de melhorar o processo de ensino aprendizagem. Numa conversa informal com o professor, perguntei se ele sente dificuldade em tomar decisões quanto a escolha dos instrumentos? E o mesmo respondeu que sim, o tempo didático também dificulta a implementação de alguns métodos. O que podemos perceber é que ele não atribui nota a participação e frequência, mas o mesmo diz sentir dificuldade quanto a escolha desses instrumentos. Outro aspecto importante a ressaltar é que os conteúdos que ele utiliza são os elementos da cultura corporal, Jogos, Lutas, Ginástica, Dança e o Esporte.

A escolha de fazer observações como requisito de coleta de dados se deu pela necessidade de conhecer mais de perto a realidade da Educação Física da escola, buscando identificar se o método avaliativo do professor é coerente com a sua concepção pedagógica e se a mesma contribui para formação humana e emancipatória do aluno, de forma a auxiliar na construção do trabalho pedagógico.

5.2 Fase principal

Como já expusemos anteriormente, o planejamento da unidade foi construído coletivamente, e neste período da intervenção escolhemos o conteúdo dança para ser trabalhado. A turma para qual construirmos o planejamento foi os 3º anos da escola. O objetivo Geral da Unidade era que, ao final da unidade, os alunos compreendessem a dança enquanto expressão corporal, construída historicamente pelo homem, identificando seus diversos significados e sentidos.

As aulas tinham como objetivo “oportunizar aos alunos a vivenciarem a dança contemporânea (FUNK, ROCK E HIP HOP), e entendê-la como uma necessidade humana historicamente construída, de maneira a re significar o entendimento que esses alunos tinham com esse tipo de dança”. Como nosso objetivo é qualificar os instrumentos avaliativos utilizados pelo professor, e pensar a avaliação de maneira processual e não como produto, pensamos num

musical como sendo a culminância e socialização da aprendizagem nesta unidade.

Com o objetivo de ampliar os conhecimentos sobre a dança, para melhor nos instrumentalizarmos, organizamos uma excursão didática ao Recife Antigo, onde visitamos uma exposição sobre a Projeto RecorDança (que documenta a história da Dança em Pernambuco) no Centro Cultural dos Correios, além de conhecer o Paço do Frevo e Museu do Cais do Sertão.

5.3 Fase da ação

A Fase da Ação consiste nas minhas intervenções, onde atuo como professora da disciplina de Educação Física. Tais intervenções iniciaram no dia 30/09, e duraram um período de um mês e meio. Os alunos tiveram sete aulas nesta unidade, três foram orientações para a construção do festival, onde levamos música, vídeos e artigos para discussão sobre a temática, e a 4º, 5º e 6º Aulas foram ensaios para o Musical. Eles deveriam montar um Musical, no qual contassem, através de músicas com uma coreografia (não necessariamente uma dança, poderia ser em forma de um teatro), a trajetória do ROCK, FUNK e do HIP HOP, dos anos 60 até os dias atuais, considerando também o contexto histórico vivido na época.

Os alunos foram avaliados em grupo e não individualmente, procuramos observar como eles agiriam coletivamente em prol de um mesmo objetivo, que era a construção do musical. A busca da pesquisa, a construção do cenário, da coreografia, da vestimenta, a produção do cordel, até a realização no dia do musical, em todo o momento eles estavam sendo avaliados. É importante ressaltar que isso foi deixado claro no início da unidade.

O musical mobilizou toda a escola, pois foi um dia de apresentações, no qual todas as turmas foram envolvidas, irei descrever cada aula dos terceiros anos, mas os primeiros e segundos anos tiveram também sua participação com outros pibidianos.

UNIDADE DANÇA

3ºA, conteúdo: rock; 3ºb conteúdo: funk; 3ºc conteúdo: hip hop

PRIMEIRA AULA

O primeiro dia de nossa intervenção não foi necessário que apresentássemos o PIBID, pois os alunos já conheciam o projeto e nós bolsistas. Portanto começamos a aula dizendo o objetivo da unidade que era oportunizar aos alunos vivenciar a dança contemporânea (FUNK, ROCK E HIP HOP), e entende-la como uma necessidade humana historicamente construída, de maneira à ressignificar o entendimento que esses alunos tinham com esses tipos de danças. O objetivo desta primeira aula foi apresentação dos temas as turmas, o terceiro A ficou com Rock, o terceiro B ficou com Funk e o terceiro C ficou com Hip Hop e informações/instruções sobre como acontecerá o musical. Neste primeiro dia da unidade os alunos se mostraram ansiosos e gostaram do tema, alguns se queixaram da escolha, entretanto a maioria se mostrou motivada com a proposta.

Na prática social inicial buscamos identificar através de problematizações o entendimento que os alunos tinham sobre a temática, no decorrer buscou-se realizar correlações ao longo da história com o cotidiano dos alunos para que eles refletissem acerca do tema abordado. Pedimos que pesquisassem os determinantes históricos, sociais e econômicos, pois os alunos já trabalhavam desta forma com o professor e isso facilitou nossa intervenção. Como instrumentalização utilizamos o quadro para explicação clara sobre como seria o projeto. A catarse ocorreu quando os mesmo através de discussões mostraram que entenderam a proposta e o objetivo da unidade, identificando que não seria o dançar por dançar. A prática social final ocorreu durante a catarse, visto que não existe um momento específico para cada etapa e sim ocorrem simultaneamente.

SEGUNDA AULA

O objetivo desta aula foi socializar a pesquisa solicitada na aula anterior, a fim de todos terem o conhecimento sobre o tema proposto e também dividimos os grupos, cenário, indumentária e roteiro. Na prática social inicial, buscamos identificar se os mesmos conseguiram entender como era a proposta do musical, a fim de tirar dúvida e esclarecer questões da pesquisa. Como problematização surgiu questões como: O que acharam do tema? Conseguiram fazer a pesquisa? Alguma dúvida sobre o musical?. Na

instrumentalização levamos outros artigos que discutissem questões pertinentes sobre o tema. A catarse aconteceu durante as discussões e reflexões, onde foram questionadas as dificuldades que surgiram ao longo das atividades e se estas foram solucionadas. A prática social final se deu através de reflexões sobre o entendimento que eles tiveram ao ler os artigos, tendo em vista que foram esclarecidas questões históricas e culturais sobre os temas. Os alunos do terceiro A já trouxeram várias ideias para a coreografia e para o roteiro, já os alunos do terceiro B que ficou com o Funk, tiveram divergência na construção do roteiro, pois diziam que alguns alunos não estavam compartilhando as ideias, mesmo assim conseguimos fazer com que os mesmos se reunissem e conversassem a fim de solucionar o problema, e isso também fez parte da avaliação deles, como conseguiram desenvolver o trabalho de maneira coletiva.

A necessidade de construir uma prática coletiva, consensual, exige dos membros de um grupo maturidade no confronto de ideias, generosidade, e capacidade de diálogo. Habilidades essas que, atualmente, não são muito estimuladas em nosso sistema educacional e social, fundamentado no individualismo, no mito do mérito pessoal, e na competitividade (SILVA, Sérgio João. 2015. p. 21).

Como avaliação da aula acreditamos, que esta intervenção se mostrou bastante importante, uma vez que ela oportunizou a desmistificação de alguns conceitos e informações equivocadas sobre o Funk e o Rock.

TERCEIRA AULA

O objetivo desta aula foi auxiliar na construção do roteiro, discutimos os artigos e levamos um vídeo que auxiliasse na construção do roteiro e da coreografia, A escolha dos vídeos como principal ferramenta permitiu a exposição de saberes e reflexões dos escolares/professoras, assim como auxiliou no fortalecimento da capacidade de interpretar, sintetizar, opinar e explicar sobre a temática, com o objetivo principal de auxiliar na construção do roteiro. Pedimos que observassem no vídeo, a letra das músicas, o contexto onde estava acontecendo e a trajetória do Funk, Hip Hop e do Rock que mostrava no vídeo. As Problematisações foram: Como era o Funk/Rock/Hip Hop antes e como é nos dias atuais? Quais foram as influências que sofreram para mudar? Como era visto na década de 60, 70, 80? E como é visto hoje?. A

instrumentalização se deu através de um vídeo que mostrou a trajetória do Rock no terceiro A, e a trajetória do Funk no terceiro B e a trajetória do Hip Hop no terceiro C. A catarse ocorreu com discussões sobre o conhecimento discutido através das problematizações. Como os alunos utilizaram de outras aulas para construir o roteiro, o mesmo já estava quase pronto, só faltava ajustes e conseguimos finaliza lá.

QUARTA, QUINTA E SEXTA AULA

O objetivo destas aulas foi finalizar os últimos preparativos para o musical e ensaiar a coreografia. Na pratica inicial buscamos socializar com a turma o andamento de cada grupo, como estava o figurino, o roteiro e a coreografia. Fizemos observações dos ensaios das apresentações para sugerir algumas mudanças se caso precisa se, mas não foi o caso, pois os alunos conseguiram entender a proposta. Os alunos se mostraram em todo momento bastante entusiasmados com o musical, mesmo com tantos projetos desenvolvidos na escola.

SÉTIMA AULA: MUSICAL

O musical foi a culminância da unidade. Nele podemos constatar o que foi consolidado, o que de fato os alunos aprenderam sobre o tema. Os alunos dos terceiros anos apresentaram no período da tarde, e neste evento podemos perceber o conhecimento que esses alunos adquiriram coletivamente, pois todas as turmas conseguiram entender a proposta do musical. O musical mobilizou toda a escola, e pudemos perceber o quanto se esforçaram para trabalhar de maneira que todos participassem, todos sem exceção, inclusive os evangélicos que muitas vezes se recusam a dançar publicamente, se envolveram no musical.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Fase da Avaliação é exposta nas considerações finais, já que o presente estudo teve como objetivo principal refletir e qualificar o processo avaliativo nas aulas de Educação Física da Escola EREM Barros Guimarães da cidade de Glória do Goitá-Pe, bem como Identificar quais os métodos avaliativos utilizados pelo o professor e Formular proposta de superação na perspectiva crítica. Em nossas considerações faremos uma avaliação do festival e de como nossa intervenção contribuiu para a formação do professor de Educação Física da escola e para os alunos.

Durante esse tempo que estivemos na escola, chegamos à conclusão que, mesmo com tantos projetos na escola advindos da secretaria e de outras disciplinas, que interfere no tempo didático do professor, o mesmo busca diversificar seus instrumentos avaliativos, procura sempre anotar os pontos positivos das aulas para qualificar o processo ensino aprendizagem. Porém, ele utiliza esses instrumentos no final do bimestre para construção de notas da unidade, caracterizando a avaliação produto.

Através das nossas observações pudemos notar que mesmo diante das imposições externas, feitas para controlar o trabalho pedagógico ou para aumentar a nota do IDEB e as aprovações no ENEM (como o currículo, calendário escolar e as datas de aplicação de prova), o trabalho pedagógico desenvolvido pelos educadores nessa escola preocupa-se em formar sujeitos que venham a compreender a realidade em que vivem e possam interferir nela de modo crítico. Pois na escola existem projetos que são construídos pelos alunos para beneficiar a comunidade, contribuindo para que eles se tornem mais autônomos e solidários. Há ainda professores que buscam trabalhar de forma interdisciplinar e integrada. Do mesmo modo, a relação entre professores, funcionários e da própria gestão não é estabelecida de forma autoritária, pois é notório o respeito entre ambos.

Não se trata, em hipótese alguma, de abandonar o ensino de conteúdos conceituais e passar a trabalhar apenas com conteúdos atitudinais. Trata-se de unir o ensino de conteúdos à formação ética dos educandos, unir a prática à teoria, a autoridade à liberdade, a ignorância ao saber (FREIRE, 1999. p. 103)

Nossa intervenção buscou ajudar o professor de Educação Física a ver a avaliação enquanto um processo contínuo e de forma coletiva, pois o festival de dança foi à culminância da unidade, e foi justamente esse festival que contribuiu na formação do professor e dos alunos. Todas as aulas os alunos interagiram de forma coletiva, cada grupo ficou responsável por uma função, um exemplo simples era o grupo que ficou responsável por fazer o roteiro, ele precisava socializar tudo que era pesquisado para os demais grupos, o grupo de cenário, coreografia e vestimenta, precisavam sempre um dos outros para que o trabalho saísse perfeito. E foi assim que aconteceu. Com nosso apoio e mediação conseguimos fazer um trabalho belíssimo e foi durante as apresentações que tivemos a certeza de como o trabalho coletivo faz diferença na elaboração dos projetos e das aulas.

A consideração da perspectiva dialógica, comunicativa, interativa que permita aos envolvidos no processo de avaliação participarem dos rumos da mesma em diferentes instâncias e níveis de possibilidades, significando isto o decidir em conjunto, cada qual assumindo responsabilidades na perspectiva da avaliação participativa. (SOARES et al., 1992, p.102)

Alguns alunos mostravam-se com dificuldade em trabalhar em grupo e sabíamos que isso iria surgir durante as aulas, mas conseguimos orienta-lós e mostra-los a importância e se trabalhar em grupo. Em alguns momentos sentimos a necessidade de deixa-los sozinhos para se entenderem, e isso de fato contribuiu para que o amadurecimento deles.

É importante ressaltar que nesse trabalho éramos duas bolsistas do PIBID e que o professor da escola também esteve sempre presente durante as aulas. Mesmo que ministrássemos sozinhas as aulas, ele dava todo apoio. Talvez se fosse um professor apenas, para três turmas de mais de 40 alunos, fora os primeiros e terceiros anos, o trabalho pedagógico não teria a mesma qualidade. Ademais, temos certeza que o professor já tinha conseguido o respeito dos colegas, dos alunos e da coordenação, pois foi assim que conseguimos realizar esse trabalho com extrema qualidade. Afirmamos novamente e com muita propriedade que, o que vai interferir no trabalho pedagógico não será somente a estrutura física da escola, mas principalmente as relações pessoais estabelecidas na mesma.

Concluimos este trabalho de forma satisfatória e com a certeza que contribuimos na formação daqueles alunos, formando sujeitos que compreenderam a realidade a partir de nossa mediação, mostrando sempre as contradições existentes por trás de cada fenômeno. Essa contribuição na prática social final é percebida na elaboração dos cordéis, na escrita do roteiro, na coreografia que foram desenvolvidas de maneira coletiva e nos questionamentos respondidos por eles. Gasparin (2009, p.142) explica a prática social final como:

A confirmação de que aquilo que o educando somente conseguia realizar com a ajuda dos outros agora consegue sozinho, ainda que trabalhando em grupo. É a expressão mais forte de que de fato se apropriou do conteúdo, aprendeu, e por isso sabe e aplica. É o novo uso social dos conteúdos científicos aprendidos na escola. Sendo assim, é a prática social final que o professor saberá se o aluno conseguiu aprender todo o conteúdo ensinado, para poder agir de forma autônoma, compreendendo a realidade da sociedade e ajudando a modificá-la.

A partir da implementação do PIBID na escola, e utilização teórica-metodológica da pedagogia Histórico-Crítica nas aulas de Educação Física, pôde-se confirmar que através desse processo de ensino-aprendizagem os alunos avançaram, expondo suas opiniões e discutindo alguns assuntos que estavam diretamente relacionados à sua realidade. E a realização do festival foi justamente a culminância da unidade, onde os alunos puderam socializar para toda a escola todo o conhecimento elaborado e construído coletivamente por eles.

Lembramos também que nesse trabalho conseguimos desenvolver parceria com a professora de artes que mediou os meninos na construção do roteiro e dos cordéis. Vale ressaltar que foi notória a espontaneidade dos alunos em dialogar conosco e de trazer questionamentos para sala de aula, pois acreditamos que o trabalho desenvolvido pelo professor de Educação Física da escola foi diferencial e transformador.

E que esse modelo avaliativo é apenas um, de tantas formas que podemos utilizar para que nossos alunos sejam cada vez mais humanos, percebam-se enquanto coletivo para buscar interesses de sua classe, a classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS

DARIDO, Suraya. **A Avaliação da Educação Física na Escola**. P. 127–141, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 11.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREITAS, Josí Aparecida de. Avaliação Escolar Voltada Para Uma Qualidade de Ensino. **Revista Magistro**, [s.l.] v. 2, n. 1, 2011.

FREITAS, Luiz Carlos de. **O uso dos conceitos avaliativos: Uma questão de interpretação e portanto conflituosa. Avaliação: políticas e práticas**. Campinas: Papirus, p. 67-81, 2002.

FREITAS, L. C. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas, SP: Papirus, 1994. (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000080153&fd=y>>. Acesso em: 19 Jun. 2016.

FRIZZO, Giovanni. O trabalho pedagógico como referência para a pesquisa em Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 2 p. 159-167, maio/ago. 2008,

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5.ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2009. (Coleção educação contemporânea).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIBÂNEO, J. C. O Dualismo Perverso da Escola Pública Brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13–28, 2012.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem na escola reelaborando conceitos e recriando a prática**. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2003.

PIRES, M. F.C. Education and the historical and dialectical materialism. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, UNESP, v.1, n.1, 1997.

SANTOS, Wagner. dos; MAXIMIANO, Francine de lima. Avaliação na educação física escolar: singularidades e diferenciações de um componente curricular. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 883-896, out./dez. 2013.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007

SILVA, Alcir Horácio da. A avaliação da aprendizagem em Educação Física escolar: desvelando a categoria. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 101-118. 1999.

SOBREIRA, R.C.de F. **Educacional: Classificação X Diagnóstico**. Texto publicado na internet em 03 de junho de 2008 Disponível em: <40TTP://www.webartigos.com/artigos/educacional-classificacao-x-diagnostico/6589/>. Acesso em: 20 ago.2016.

SOARES et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortêz, 1992.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa ação**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

Victoria, Juliana dos Santos Oliveira. **O trabalho pedagógico da educação física escolar na perspectiva da pedagogia histórico-crítica: uma proposta possível?** 2011. Trabalho de Conclusão (Licenciatura em Educação Física), Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas-BA, 2011.

VILLAS BOAS, B. M. de Freitas. **As práticas avaliativas e a organização do trabalho pedagógico**. 1993. 471 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

ANEXOS

Fotos do Ensaio do musical realizado na Escola Professor Barros Guimarães





Fotos do musical realizado na Escola Professor Barros Guimarães



